

desenho de formas

**Hans R. Niederhauser
Hermann Kirschner**

Publicação interna do
Centro de Formação de Professores Waldorf de São Paulo

Direitos desta tradução reservados à

João de Barro Editora Ltda
Rua da Fraternidade, 156
04738 020 – São Paulo – SP
Tel: 11 56814042
editorajoaodebarro@gmail.com

2ª Edição
Julho de 2014

Tradução:
MARIA DO CARMO LAURETTI
MARIANGELA MOTTA

Revisão:
MARIANGELA MOTTA

Projeto Gráfico:
GISELA MOTTA
PAULA UBATUBA TANNURI

desenho de formas

Hans R. Niederhauser
Hermann Kirschner

Tradução:

Maria do Carmo Lauretti
Mariangela Motta





ÍNDICE

UM IMPULSO PEDAGÓGICO E ARTÍSTICO INICIADO POR RUDOLF STEINER* pág. 07

HANS RUDOLF NIEDERHAUSER

Introdução pág. 08

I. As Indicações de Rudolf Steiner pág. 09

II. Aspectos da Metodologia, Didática e Antropologia pág. 15

*Os dois artigos acima fazem parte do livro com o mesmo nome composto de quatro capítulos.

DESENHO DINÂMICO E SEUS ASPECTOS TERAPÊUTICOS pág. 27

HERMANN KIRSCHNER



UM IMPULSO PEDAGÓGICO E ARTÍSTICO INICIADO POR RUDOLF STEINER

HANS R. NIEDERHAUSER

Hans R. Niederhauser trabalhou como professor de classe; relata as indicações para a utilização do Desenho de Formas do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental, segundo as indicações de Rudolf Steiner.

Introdução

Rudolf Steiner introduziu no ensino moderno com a Eurytmia e o Desenho de Formas algo que não existia antes, nem mesmo como sugestão.

Se nos aprofundarmos na essência e forma de atuação da Eurytmia e do Desenho de Formas, encontraremos nelas meios artísticos para educar; para atuar sobre as crianças de maneira a fortalecê-las e curá-las, de modo que elas alcancem um fortalecimento interior e possam atender às exigências da vida moderna impostas ao ser humano.

As crianças praticam Eurytmia durante toda sua vida escolar; uma a duas horas por semana; o Desenho de Formas as acompanha do primeiro ao quinto ano escolar. Na maioria das vezes, o Desenho de Formas é praticado aproximadamente duas a três vezes por ano na aula principal, durante duas ou três semanas; no entanto, esta atividade pode ser praticada sistematicamente em aulas avulsas ao longo do ano.

As crianças se alegram e reagem festivamente quando dizemos que agora começará uma época de formas. Parece que o Desenho de Formas atende a uma necessidade interior: os alunos podem vivenciar inteiramente a criação viva do desenho, de uma maneira que não os leva ao esgotamento. Isto se dá pelo fato de também existir uma outra polaridade igualmente ativa no criar, ainda que velada; ela é encontrada e se desenvolve: esta polaridade é formada por aquelas forças que desabrocham mais tarde nos alunos como capacidade de pensar.

Queremos inicialmente neste estudo relembrar as indicações dadas por Rudolf Steiner para o Desenho de Formas em diferentes lugares e ocasiões. Consideraremos, também, algumas sugestões práticas, os aspectos metodológicos e didáticos e, mais adiante, contemplar o Desenho de Formas como preparação para a Geometria. Na última parte tentaremos perceber suas inúmeras relações, em parte ocultas, que o do Desenho de Formas tem com outras matérias.

Foi necessário neste trabalho destacar e apresentar separadamente aquilo que, na verdade, atua em íntima associação com outros impulsos. Por outro lado, não pudemos evitar certa repetição a fim de citar a abundância e variedade destas relações e sua forma de atuação conjunta.

I. As indicações de Rudolf Steiner

Pelo que nos consta, Rudolf Steiner deu indicações sobre o Desenho de Formas em três ocasiões e, em cada uma das vezes, desenvolveu novos elementos essenciais. Pode-se compor a partir destas indicações a estrutura didática do primeiro ao quinto ano escolar, com certa fantasia, até o momento em que se introduz a aula de Geometria. As indicações de Rudolf Steiner esclarecem aspectos bem diversos do Desenho de Formas, que, no entanto, não se excluem; devemos apenas considerá-los em conjunto, uma vez que se complementam e inter-relacionam.

Os primeiros elementos para o Desenho de Formas foram dados por Rudolf Steiner em 1919, em Stuttgart, por ocasião do curso inaugural para professores.¹ Na terceira e quarta *Discussão pedagógica*, nos dias 23 e 25 de agosto, Rudolf Steiner falou pela primeira vez sobre o Desenho de Formas. Ali ele o caracterizou como um meio de educar o temperamento. Ele trabalhou com os participantes do seminário – os futuros professores da primeira escola Waldorf – formas e tonalidades de cores para os diferentes temperamentos e fez cada uma delas desembocar na forma contrária.

No curso *Metodologia e Didática* Rudolf Steiner aconselhou que nas primeiras horas de aula o professor deve pedir a seus alunos que desenhem uma linha reta e uma linha curva na lousa, além de certos exercícios com cores. Ele justifica o valor e significado pedagógico deste exercício na palestra citada.

O desenho simples de uma linha e sua repetição ao contrário no dia seguinte causa nas crianças uma impressão indelével.

Se olharmos do ponto de vista do Desenho de Formas, é digno de nota o fato de que nestas formas – que ainda nada têm a ver com os exercícios de simetria dados por ele mais tarde – Rudolf Steiner, logo de início, faz vivenciar e configurar dois princípios polares da forma: a linha reta radiante e a linha curva, esta como expressão da vontade, e a reta como expressão do pensar; do ponto de vista anímico. Se ao desenhar qualquer forma for respeitada a alternância entre linhas curvas e retas serão evitadas unilateralidades que levam ao endurecimento.

1. STEINER R., *Arte da Educação*, Vol. II (*Metodologia e Didática*, GA 294) e III (*Discussões Pedagógicas*, GA 295) SP, Ed. Antroposófica, 2ª ed., 2003 e 1999.

Johannes Kepler escreve em sua obra *Harmonicis Mundi* sobre esta polaridade que confere forma no mundo; a criança de primeiro ano vivencia através do fazer, no primeiro dia de aula que *no início, Deus, em sua decisão inquebrantável, escolheu a reta e a curva para com elas desenhar a divindade do criador para dentro do mundo*. E em outro trecho: ... Assim ansiava o grande sábio do grande mundo, cujo ser total está contido em ambas as diferenças da reta e da curva.

Rudolf Steiner fala neste curso repetidamente sobre o Desenho de Formas, tanto no contexto do ensino da escrita como da introdução da Geometria. Ele aborda resumidamente algumas coisas para a aula de desenho do primeiro ano na segunda palestra sobre o currículo ²: indica que se desenhe todo tipo de linhas abertas retas, curvas, angulares, espirais, com ângulos agudos e obtusos, e assim seria desenvolvida a destreza das mãos. Este desenhar deve preceder o aprendizado da escrita em si. A partir de tais linhas e formas, deveria se desenvolver aquilo que é necessário para a escrita das formas das letras.

Repetidas vezes ele chama a atenção para o fato de que se deveria atuar no sentido de fazer a criança sentir as formas ao desenhá-las, de maneira que se desperte nela a sensibilidade para a curvatura do círculo, a curvatura da elipse e assim por diante. Na primeira palestra de *Metodologia e Didática* ³ ele chega a dizer que, sem medo de errar, se deveria chamar a atenção da criança para o fato de que, ao desenhar, o ser humano inteiro realiza em conjunto o movimento do círculo. Sim, até mesmo os olhos realizam o movimento circular.

Esta vivência conjunta, sentir a forma enquanto ela é feita, suas curvaturas, seus alongamentos, seus ritmos e movimentos, é a nova vivência artística que Rudolf Steiner tentou despertar nos observadores, quando descreveu a construção do primeiro Goetheanum. ⁴ As formas arquitetônicas não deveriam ser olhadas apenas exteriormente; o olhar ativo para o elemento plástico deveria recriar as formas em nosso interior.

Esta vivência das formas é tanto a alma de uma nova forma artística de sentir, como o órgão para a compreensão das formas da natureza. Pode-se compreender a partir daí o grande alcance e importância do Desenho de Formas.

Nas classes menores devemos trazer também quadrados, círculos, triângulos, etc. em forma de desenho

2. Em 6 de setembro de 1919.

3. Em 21 de agosto de 1919.

4. STEINER R., *Der Baugedanke des Goetheanum*, (*O pensamento do edifício do Goetheanum*) GA 289/290.

puro, enquanto mantemos totalmente no âmbito do desenho aquilo que se tornará a Geometria. Só por volta do nono ano começamos com aquilo que vem se acrescentar como Geometria, quando procuramos as relações entre as formas; Rudolf Steiner resume conclusivamente com esta frase a décima palestra do curso de *Metodologia e Didática*.⁵

Apenas em 14 de agosto de 1923, em Ilkley, Rudolf Steiner volta a falar do Desenho de Formas.⁶ Nestas palestras, ele descreve o Desenho de Formas em conexão com a atuação do corpo etérico. Todas as impressões, assim ele explica, que o corpo etérico recebeu durante o período de vigília, sobretudo as pictóricas, tendem a continuar sua atividade durante o sono e a aperfeiçoar-se. Podemos auxiliar esta atividade do corpo etérico através do Desenho de Formas. Com isso atuamos de forma harmonizadora, estimulante e fortalecedora sobre o corpo etérico e mais ainda, até a organização física.

Rudolf Steiner chama a atenção pela primeira vez em Ilkley para o princípio da simetria com este desenho simples (vide Figura 1). O professor desenha a metade esquerda da forma na lousa e a criança é convidada a completar o que falta. Ele acrescenta: *Desta maneira, internalizamos na criança um ímpeto interior ativo de completar coisas incompletas, e com isso, desenvolver em si, sobretudo, a representação correta da realidade*. Fica então a cargo do professor criar – no sentido dos princípios expostos sobre a simetria – exercícios simples e até simetrias mais complicadas, assim como exercitá-las com as crianças por certo tempo.

Rudolf Steiner faz agora mais um desenho (vide Figura 2) e diz que se deveria tentar despertar na criança a representação espacial

FIGURA 1

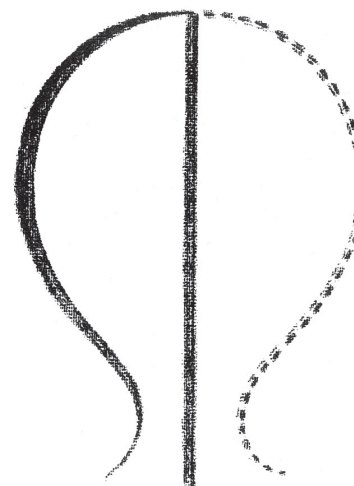
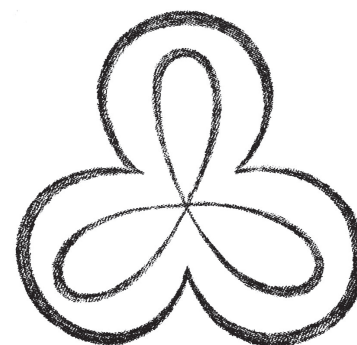


FIGURA 2



5. Veja referência nota 1.

6. STEINER R., *A cultura atual e a Educação Waldorf*, GA 307, 1ª ed., SP. Ed.Antroposófica, 2014

interior desta figura, dando a ela grande valor. Ele observa em relação a esta figura que, também na Geometria, não deveríamos começar com o desenho de triângulos e etc., pois com isso já se introduziria o elemento intelectual de maneira excessivamente forte; dever-se-ia começar com a representação espacial plástica, tal como no exercício acima. Em seguida Rudolf Steiner sugere que se mude a forma exterior, algo semelhante à Figura 3. Ele pergunta: *Como se deve variar agora a figura interna?* E continua: *Deve-se tentar tornar claro para a criança o seguinte: se ela agora se atém à figura de dentro para com isso conseguir a simetria interna, ela precisa, naquele lugar onde existe uma protuberância do lado de fora, colocar uma concavidade do lado de dentro, de forma que a linha simples corresponda à linha simples, como aqui neste esboço (Figura 2). Aqui (Figura 3) a protuberância corresponde a uma concavidade. (Figura 4).*

Ele chamou as figuras ao lado de 'esboços'. Com isso ele deixa em aberto à liberdade e capacidade de criação do professor, apoiando-se no princípio citado de também criar exercícios simples como estágios preparatórios ou inventar outros motivos. Rudolf Steiner resume a descrição destes exercícios: *Em resumo, abre-se desta forma a possibilidade de que a criança venha a contemplar também simetrias assimétricas. E, com isso, se prepara o corpo etérico ou corpo de forças plasmadoras, durante o período de vigília, para continuar sua atividade durante o sono; e, nessa atividade, ele completa o que foi vivenciado quando estava desperto. Então o ser humano, a criança, acorda pela manhã em um corpo etérico internamente vivificado, organicamente ágil, e com ele, também o corpo físico. Isto traz à pessoa uma tremenda vivacidade.*

Na mesma palestra, Rudolf Steiner aponta um novo tema com a seguinte metamorfose: um motivo exterior calmo mantém o equilíbrio com o interior ousado que procura intensamente o exterior (vide Figura 5).

Agora ele modifica a forma e não desenha sua inversão

FIGURA 3

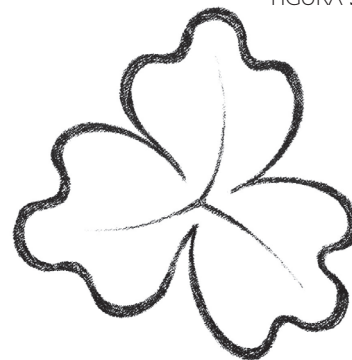


FIGURA 4

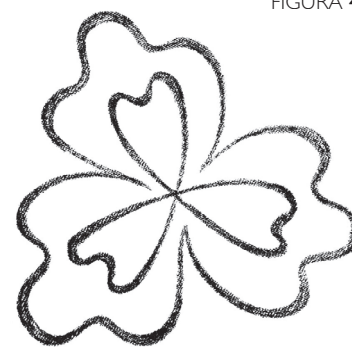
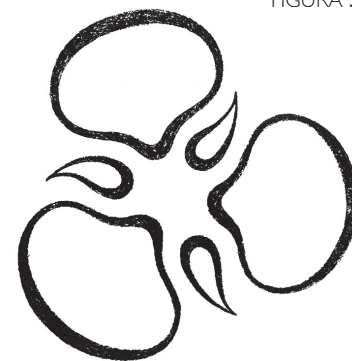


FIGURA 5



As indicações de Rudolf Steiner

matemática, mas a inversão dinâmica e artística: as linhas exteriores fluem uma para longe da outra, à semelhança de uma hipérbole em direção ao infinito; a forma interna concentra-se, tal como uma semente, devido à dinâmica da inversão e a harmonia é restaurada (vide Figura 6).

No dia 15 de agosto de 1924, em Torquay, Rudolf Steiner fala novamente sobre o Desenho de Formas.⁷ Aqui ele também menciona em primeiro lugar os exercícios de simetria. Para crianças de oito e nove anos, ele acrescenta aos eixos de simetria verticais um novo elemento, com formas complicadas; a superfície espelhada da água, com a seguinte figura (vide Figura 7).

Rudolf Steiner faz a seguinte observação com relação aos exercícios de simetria: *De início, a criança irá se comportar bem desajeitadamente ao realizar tais exercícios; mas, aos poucos, se desenvolverá, contrabalançando a contemplação pensante com o pensamento contemplativo. O pensar permanecerá totalmente na imagem.* Rudolf Steiner destaca nesta palestra, assim como em muitos outros exemplos de aula, como o pensar pode ser desenvolvido a partir de imagens. Ele afirma a esse respeito: *Trata-se de que, justamente com a criança bem pequena⁸ o intelecto, a razão que atua na alma desagregando, ainda não deve ser formada; todo o pensar deve ser desenvolvido a partir do elemento plástico, das imagens.*

Em Torquay ele mostra então outro exercício, semelhante ao dado em Ilkley; este tem essência mais simples, para crianças de oito anos.

Rudolf Steiner modifica novamente a forma externa; ele a desenha com pontas e dá à criança a tarefa de encontrar, por si mesma,

FIGURA 6

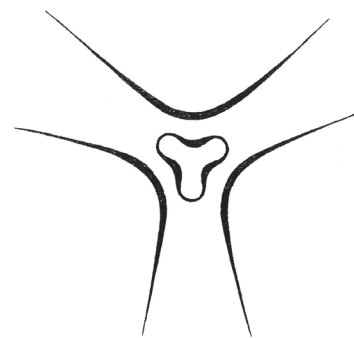
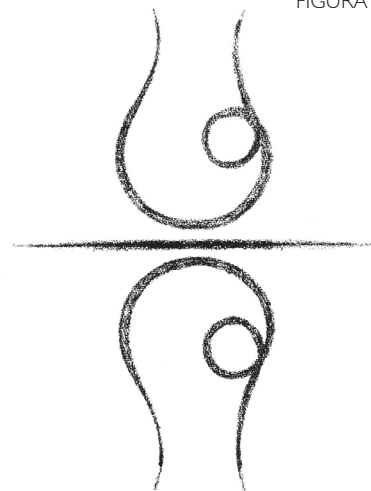


FIGURA 7



7. STEINER R., *A Arte de Educar baseada na compreensão do ser humano*, GA 311, 2ª ed., SP, FEWB, 2013.

8. N.A.: Aqui R. Steiner se refere às crianças de primeiro e segundo anos.

a forma interna correspondente, de maneira que nova harmonia seja instaurada (vide Figuras 8 e 9).

Desta maneira a criança é educada para o verdadeiro sentimento da forma, para senti-lo na harmonia, na simetria, na reciprocidade. Pode-se assim introduzir a criança nas harmonias que reinam não só ali, como também no mundo.

Quando nos aprofundamos nas indicações de Rudolf Steiner, recebemos estímulos inesgotáveis para a condução de uma nova educação e ensino. Porém, o professor que exercita, experimenta primeiro em si mesmo a força germinativa fecunda, seu efeito vivificante, estimulante, que põe em movimento. Ele nota o efeito benéfico até mesmo sobre sua respiração; enrijecimentos paralisantes são dissolvidos, sua representação e pensar tornam-se maleáveis e sua fantasia cria asas.

Todos estes exercícios, aparentemente simples, têm suas raízes no novo impulso que Rudolf Steiner introduziu no elemento artístico em geral, e ao elemento plástico e pictórico em especial. Eles devem ser exercitados e compreendidos pelo professor a partir deste novo impulso artístico que pode ser visto e vivenciado de modo abrangente nas formas do primeiro Goetheanum. Sem este solo de onde tudo brota com vigor, sem uma nova forma artística de viver, sem a metamorfose das idéias e da concepção, o Desenho de Formas logo se petrificaria em esquemas desoladores, por melhor que fosse a didática.

O professor que exercita encontra no livro *Der Bau*⁹ ricas sugestões e exemplos práticos para tornar vivo em si o primeiro Goetheanum. Não se pode avaliar o valor dos esboços de Kemper para a metamorfose dos capitéis e sua transposição para as formas dos selos, para citar apenas uma razão.

9. KEMPER C., *Der Bau*, Stuttgart, Verlag Freies Geistesleben, 1966.

FIGURA 8

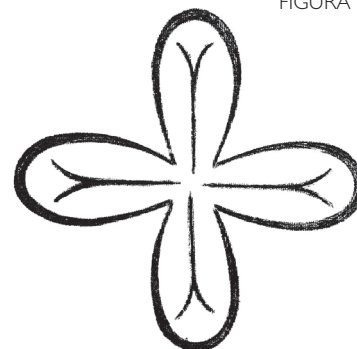
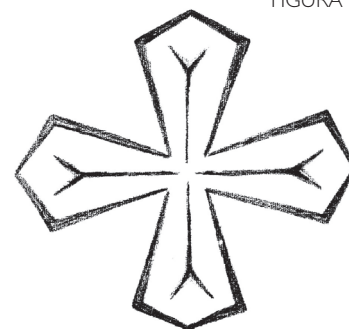


FIGURA 9



II. Aspectos da Metodologia, Didática e Antropologia

Podemos considerar como uma característica da Pedagogia Waldorf o fato de tudo se desenvolver de maneira artística, a partir do que deve vir a ser. Por exemplo, o ensino da escrita na Pedagogia Waldorf não parte das formas das letras convencionais de hoje. Dessa maneira, o processo [percorrido pela humanidade] é compreensível para a criança. Corresponde também a este princípio metodológico o fato de que a aula de Geometria não é introduzida com a Geometria Euclidiana somente no 7º, 8º ano escolares, como em geral se faz. As forças para a Geometria como pura atividade já são introduzidas pelo Desenho de Formas nos primeiros anos escolares. A Geometria como um todo não é desenvolvida enquanto pura abstração, mas é despertada a partir da ativação das forças da vontade e, aos poucos, é alçada à consciência e clareza do pensamento.

É um grande esforço para a criança dos primeiros anos escolares desenhar uma linha vertical, uma linha horizontal na lousa ou na folha, à mão livre. Ao fazê-lo, ela coloca em atividade forças usadas para a Geometria, que igualmente ainda vivem e atuam em seu corpo como forças formadoras de estrutura. Quando desenhamos exercícios de simetria com a criança, nos quais ela deve desenhar uma figura que corresponda a outra dada, são continuamente ativadas, entre muitas outras coisas, as forças de equilíbrio por meio das quais a criança atingiu a verticalidade, as forças que ela desenvolveu ao aprender a andar.

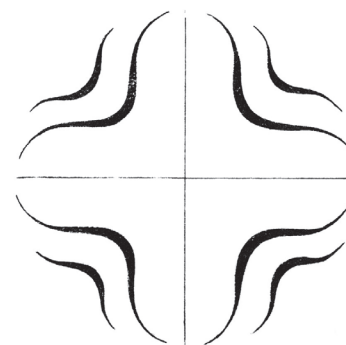
Os exercícios de simetria dados por Rudolf Steiner para iniciantes no Desenho de Formas parecem muito simples. Porém, sua ação formativa não pode, em absoluto, ser avaliada apenas do ponto de vista exterior. É necessário exercitar repetidamente, desenhando e vivenciando junto todos os exercícios, para que possamos sentir e reconhecer em nós mesmos como é forte e profunda sua atuação e capacidade de nos colocar em movimento. Este exercitar ligado à vivência está vinculado, também, à grande diferença que existe em desenhar uma simetria à direita e à esquerda, ou de um 'espelhamento' em direção ao eixo de simetria horizontal. Avalia-se cuidadosamente e se faz uso das diferentes atuações na estruturação didática, inclusive da alternância esquerda-direita. E de novo, outra possibilidade de exercícios resulta da combinação de ambos os eixos de simetria quando, por volta do segundo ano, são desenhadas simetrias que pairam em torno do cruzamento do eixo. A figura 10 nos dá um exemplo disto (vide Figura 10).

É característica deste tipo de simetria livre formar-se sem relação anterior com o ponto central.

Pode-se vivenciar como um complemento totalmente novo se, por volta dos nove anos de idade, desenvolvemos exercícios de simetria central com as crianças. Nessa época de crise, ao redor de 9 ou 10 anos, quando só então as crianças vivenciam efetivamente a separação entre 'eu' e 'mundo', a separação entre interior e exterior, pode ser uma ajuda significativa desenhar o círculo com a seguinte indicação: colocar o ponto central no círculo traçado à mão livre e o contrário, ou seja, determinar um ponto central e desenhar um círculo à mão livre em volta dele. A partir deste exercício simples é possível estruturar múltiplas formas, todas elas baseadas na tensão que existe entre a circunferência e o ponto central. Espirais que se enrolam para dentro e para fora sempre atuam de maneira harmonizadora; os alunos 'andam' repetidamente essas mesmas formas durante a aula de Eurytmia. Contudo, exercícios de simetria em relação ao centro podem ser feitos partindo do mais simples, conforme foi sugerido anteriormente, até chegar à execução dos mais difíceis, como os dados por Rudolf Steiner em Ilkley e em Torquay.

Os seguintes exercícios são também muito estimulantes: tenta-se colocar o círculo no papel, mas não como de costume, isto é, a partir do movimento brusco circular onde somente ele é vivenciado como um todo; por exemplo, tenta-se dar-lhe forma de superfície com um giz grosso, de maneira que se trabalhe a superfície do círculo sobre a folha de papel, na medida em que se desenha colorido ao redor da superfície do círculo. Fazemos, portanto, com que o círculo surja a partir de fora, à medida que colocamos o ponto central colorido em forma de superfície e o fazemos crescer em direção ao exterior. Também é interessante fazer surgir e vivenciar de maneira nova as linhas vertical e a horizontal, velhas conhecidas.

FIGURA 10



Mesmo que o desenho do círculo e a simetria central sejam especialmente enfatizados no contexto da crise dos 9, 10 anos de idade, não se deve criar o dogma de que antes desse período não se deve desenhar o círculo! É claro que se pode e deve. Mas também é importante ter clareza sobre quando um exercício pode atuar com ênfase especial sobre o acordar e quando deve ser aplicado no contexto da fase de desenvolvimento da criança; é preciso aproveitar muito bem tal momento.

É exatamente essa a qualidade característica do princípio curativo e absolutamente isento de elementos intelectuais, ou seja, que se mande fazer repetidas vezes o mesmo exercício nas diferentes faixas de idade; pode-se observar como é possível vivenciar sempre novos aspectos. Pensemos no desenho da linha vertical que, certamente, não se limita ao primeiro ano escolar. O exercício da linha vertical, da horizontal é sempre novo, continua a ser um esforço permanente. A vertical, a horizontal, o círculo, enfim, as formas geométricas básicas, são imagens primordiais vivas e apropriadas para o desenho, estimulando e ativando forças que se prestam à Geometria de maneira conhecida e sempre nova durante todos os anos escolares.

Nos exercícios dados por Rudolf Steiner em Ilkley e Torquay em que dentro e fora, assim como fora e dentro devem se corresponder, é requisitado um elemento totalmente novo, que vai muito além da mera simetria. Rudolf Steiner a chama de 'simetria interior', onde a forma depende totalmente da tensão de forças do interior para o exterior e vice-versa. Poderíamos chamá-la também de simetria dinâmica, porque ela não depende da mesma curvatura que corre em paralelo à figura do círculo circunscrito por um polígono, e do círculo que passa pelo ponto do ângulo do polígono; depende, sim, do movimento contrário, cheio de tensão, em torno de seu traçado livre, ao redor de uma linha de força do círculo que se sente. Através disso se cria a harmonia, como que por intensificação. Estes exercícios são especialmente apropriados para desenvolver o pensar e a representação ágeis.

Recomendamos o livro de Louis Locher-Ernst para o cultivo da fantasia e de uma representação vivaz do professor¹⁰. Retiramos dele três exemplos para ilustrar esse ponto de vista: o primeiro de nove pares de metamorfoses. Essas formas e as formas contrárias (contra-matriz) podem ser construídas durante o ensino médio, nas aulas de desenho técnico, uma vez que os alunos já dispõem da necessária força de representação livre (vide Figuras 11 e 12).

10. LOCHER-ERNST L., *Einführung in die freie Geometrie ebener Kurven*, Birkhäuser, 1952.